

A EFETIVIDADE DE NARRATIVAS POLIFÔNICAS PARA O EXERCÍCIO JORNALÍSTICO: ANÁLISE DO DISCURSO DE “OS CINCO DO CENTRAL PARK” E “OLHOS QUE CONDENAM”

Maria Eduarda Moriyama Blumer¹, Carlos Eduardo Sandano Santos²

1. Estudante da Faculdade de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL-Mackenzie)

2. Professor do CCL-Mackenzie - Curso de Jornalismo/Orientador

Resumo

Este trabalho tem como objetivo dialogar com as definições de narrativas polifônicas a partir do estudo do filósofo Mikhail Bakhtin, em Problemas da Poética de Dostoiévski (1963), diante das narrativas de Dostoiévski, escritor e criador do estilo polifônico. Para completar o referencial teórico, Cremilda Medina guia com Ciência e Jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos (2008), o pensamento crítico à atuação do jornalismo diante da realidade. Para assim, encontrar elementos que explicitem a efetividade de narrativas polifônicas no exercício da profissão. Desta forma, as características analisadas são colocadas em evidência e comparação com os objetos de análise, o documentário Os Cinco do Central Park (2012) de Ken Burns, Sarah Burns e David McMahon e a minissérie Olhos que condenam (2019) de Ava DuVernay, como forma de observar tais atributos nas narrativas utilizadas nos objetos de estudo.

Palavras-chave: Jornalismo; Narrativas; Polifonia;

Apoio financeiro: PIBIC Mackpesquisa

Trabalho selecionado para a JNIC: UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Introdução

O conceito de polifonia foi pela primeira vez conceituado pelo dialogista Mikhail Bakhtin em Problemas da Poética de Dostoiévski (1963). Na obra, o autor dedica-se a estudar a teoria das técnicas utilizadas nos romances de Dostoiévski, marcados pela presença de múltiplas vozes com igual valor dentro de suas histórias.

Duas grandes características do discurso polifônico são a plenivalência e a equipolência das vozes. Isso significa que cada voz é uma consciência, um ser, com valor único e pessoal e ao mesmo tempo, não perdem suas características únicas, quando se encontram com demais vozes ou consciências em uma mesma história. Dessa forma, o centro da polifonia é a existência de vozes que coexistem em igual valor.

Idealmente, a polifonia é um dos pilares do jornalismo. Antes mesmo de exercitar a profissão, jovens estudantes aprendem que devem sempre ouvir dois lados de uma história, antes de escrevê-la. Contudo, o conceito de polifonia vem automaticamente carregado do sentido dos valores das vozes dentro de uma narrativa, e é neste ponto que a profissão perde as características polifônicas que procura carregar.

Jornalistas não escrevem reportagens e matérias com vozes que têm valor, mas isso não significa que elas não estão presentes em suas matérias. Em vez de criar histórias com vozes plenivalentes e equipolentes, profissionais usam as mesmas vozes para efetuar seus trabalhos, aniquilando suas consciências vivas que Dostoiévski dedicou-se a valorizar em suas escritas. Dessa forma, o jornalismo tem usado as vozes, ou pessoas, como meio, e não como fim

A obra Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos (2008) de Cremilda Medina contextualiza a pesquisa na descoberta da ascensão de um jornalismo muitas vezes antiético e irresponsável, em detrimento do jornalismo como serviço da sociedade.

Este artigo objetiva mostrar como a polifonia pode enriquecer os discursos jornalísticos. Dessa forma, o documentário Os cinco do Central Park (2012) e a minissérie Olhos que condenam (2019), produções sobre a história de Kevin Richardson, Yousef Salaam, Raymond Santana, Antron McCray e Korey Wise - cinco jovens vítimas de racismo e presos por um crime de estupro que não cometeram em Nova Iorque, no ano de 1989, serão analisados como objetos de estudo.

Metodologia

Como metodologia, este artigo científico utilizou-se de análise qualitativa dos objetos de estudo a partir das características descobertas sobre narrativas polifônicas nos dois referenciais teóricos principais: Problemas da Poética de Dostoiévski, de Mikhail Bakhtin (1963) e Ciência e Jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos, de Cremilda Medina (2008).

Os procedimentos e estratégias que basearam o trabalho foram a leitura e análise do referencial teórico composto pelas obras já mencionadas, de forma que características principais sobre discursos polifônicos fossem descobertos a fim de serem aplicados na análise de duas produções audiovisuais sobre o mesmo assunto.

Com este processo, a autora tinha como objetivo responder a pergunta-problema: “Quais elementos e recursos polifônicos no documentário “Os Cinco do Central Park” e na minissérie “Olhos que condenam” denotam efetividade para a prática jornalística?”

Ambas produções foram selecionadas como objetos de análise a partir dos erros éticos cometidos pela cobertura jornalística no caso que ficou conhecido como “Os cinco do Central Park”, quando Kevin Richardson, Yousef Salaam, Raymond Santana, Antron McCray e Korey Wise, ainda adolescentes, foram condenados injustamente por crime de estupro e agressão contra Patricia Meili, na noite de 19 de abril de 1989, no Central Park, ponto turístico da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

O trabalho científico utilizou-se de equipamentos para a escrita e desenvolvimento da pesquisa, como um notebook e seus respectivos adereços como cabo de carregador e mouse da própria autora, bem como acesso à internet via *Wi-Fi*.

Os livros que compõem o referencial teórico foram lidos de forma física, impressos a partir da disponibilização do documento PDF (Portable Document Format) de “Problemas da Poética de Dostoiévski” e a compra de “Ciência e Jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos” com o valor que a bolsa do PIBIC Mackpesquisa ofereceu à pesquisadora.

Este valor também foi utilizado para o acesso às plataformas de streaming que possuíam em seu catálogo as produções audiovisuais que foram utilizadas como objetos de análise na pesquisa.

Resultados e Discussão

Características Polifônicas segundo Problemas da Poética de Dostoiévski

A partir da leitura e estudo da obra “Problemas da Poética de Dostoiévski” (1963), foi-se descoberto algumas principais características das narrativas polifônicas, que posteriormente foram aplicadas na análise dos objetos de estudo.

O primeiro aspecto essencial da polifonia é a plenivalência e equipolência de vozes, ou seja, a possibilidade da existência de múltiplas vozes que coexistem com igual valor em uma mesma narrativa.

Bakhtin também ressalta a importância da liberdade de consciência no texto. No caso dos romances de Dostoiévski, os personagens teriam liberdade de *ser* conforme suas características e consciências próprias, sem interferência do autor. No jornalismo, esta prática pode ser aplicada à liberdade da existência da fonte conforme ela realmente é, diz e defende ser, sem interferência de pressuposições do jornalista.

O conhecimento a partir da introspecção, observação e penetração também é característico dos discursos polifônicos de Dostoiévski. O autor lutava contra a “coisificação” do homem, fazendo questão de registrar não aquilo que superficialmente identificava, mas sim o que o personagem era em sua essência. Isso seria possível apenas com técnicas profundas de observação, que Cremilda Medina menciona em “Ciência e Jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos”.

Como último aspecto sobre o discurso polifônico que pode ser útil ao desenvolvimento deste trabalho, é possível destacar o surgimento da polifonia como um meio de registrar a realidade *díspar*, não de intenções subjetivas e imparciais.

Com este entendimento, é possível observar que Dostoiévski utilizava da polifonia para retratar em seus romances as diferentes realidades que observava em seu cotidiano. O objeto que o autor russo lidava é o mesmo que o jornalismo lida em seu trabalho prático: a realidade incerta. Desta forma, o presente artigo sugere a utilização das características polifônicas para o registro da realidade no próprio jornalismo.

As heranças positivistas no Jornalismo segundo Cremilda Medina

A obra “Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos” de Cremilda Medina traz como as características da corrente positivista influenciaram o jornalismo, alicerçando-o em raízes objetivas, precisas e com uma obsessiva busca pela precisão de dados.

Assim, Medina expõe como tais atributos não são necessariamente vantajosos ao jornalismo, sugerindo uma nova via de narrativa para a prática da profissão. Esta alternativa discursiva leva o nome de *tecer o presente*, significando retratar a realidade a partir do entrelace de suas narrativas como

verdadeiramente são em uma arte delicada e suave.

Esta nova forma de narrar a realidade tem como responsabilidade ensino e conscientização da sociedade, a fim de que interprete os fatos e a longo prazo não cometa erros como no passado. Aplicando a ideia à própria história tratadas nos objetos de estudo, tem-se que o tecer o presente, colocado em prática com as narrativas polifônicas no jornalismo, levem a sociedade a conscientizar-se sobre o racismo e falhas no sistema judicial, e ao jornalismo sobre ética e responsabilidade em suas coberturas.

Assim, de todo o estudo do referencial teórico, dois fios condutores guiam as narrativas polifônicas e de *tecer o presente*: **registro do desprezível e observação do comportamento humano**.

Entende-se por **Registro do Desprezível** justamente informações que seriam consideradas desprezíveis ao jornalismo tradicional. Com os exemplos de Medina, isso pode se expressar por confissões e comentários fora das perguntas pré-estabelecidas em entrevista, sentimentos e sensações humanas do próprio jornalista ao ouvir o relato de sua fonte e até mesmo comentários e perguntas que quebram a barreira do material produzido com o leitor ou espectador, como que convidando-o para um conversa.

Já **observação do comportamento humano**, caracteriza-se como observação dos próprios sentidos humanos e mudanças na linguagem corporal que comunicam e complementam as ideias faladas oralmente, características muito presentes na análise dos objetos de estudo.

Análise do objeto de estudo “Os Cinco do Central Park”

A partir de tais características resgatadas pelo referencial teórico, tem-se a análise dos dois objetos de estudo já mencionados.

Analisando primeiramente o documentário “Os cinco do Central Park”, comparando com as características polifônicas evidenciadas nos referenciais, é possível encontrar a presença da construção da palavra do personagem pelo próprio personagem. Neste caso, a construção da história de Kevin, Yousef, Raymond, Antron e Korey foi feita por eles mesmos, em entrevistas ao documentário e também relatos de pessoas de suas famílias.

Observa-se também a plenivalência e equipolência de vozes. As cinco histórias se entrelaçam desde o ocorrido em 1989, no documentário elas coexistem e são contadas com igual valor.

Também é possível notar a apuração jornalística com o uso de arquivos da época, como os julgamentos e interrogatórios desumanos aos quais os cinco adolescentes foram expostos. Tais arquivos mostram descaso das autoridades, coerção para com os meninos, e em relação aos garotos, confusão de relatos e inocência. Este documento oferece grande veracidade ao documentário.

No tópico de observação do comportamento humano, o trecho a seguir retirado do artigo científico resultado da pesquisa serve como argumento da efetividade da polifonia ao registro da realidade, em específico, de Raymond Santana.

“Quando os Cinco Redimidos começam a ler os depoimentos escritos que deram à polícia na época, suas linguagens corporais ao simplesmente balançar a cabeça em tom negativo comunicam muito sobre como eles se sentem (32’50” - 33’50”)
 “Um garoto de 14 anos não fala assim” - Raymond Santana (33’50”).”
 (BLUMER, n.p)

Análise do objeto de estudo “Olhos que Condenam”

Na análise da minissérie “Olhos que Condenam”, é possível notar fidedignidade e caracterização nas narrativas audiovisuais. Por ser um produto da ficção baseado na realidade, a produção teve o cuidado de caracterizar os personagens fielmente a como os garotos eram na época. Roupas, penteados de cabelo e até mesmo traços foram adicionados à atuação para tornar o mais real possível.

Também é possível observar que a oportunidade viabilizada pelo *streaming* tem relação com o espaço que a Netflix, produtora da minissérie, abriu para que mais de 20 milhões de pessoas conhecessem a verdadeira história de Kevin, Yousef, Raymond, Antron e Korey.

Por fim, o aspecto do registro do desprezível pode ser exemplificado pelo trecho também retirado do artigo:

“Além disso, outro elemento semelhante a esse é a proximidade que Antron tinha com seu pai, Bobby McCray, evidenciada em uma conversa desprezível no café da manhã da família, logo no início do episódio 00’ 30”- 01’ 00” (Parte 1). A atenção que a minissérie dedicou para pequenos detalhes como esses é um grande exemplo de diversas áreas e abordagens que as narrativas polifônicas e sensíveis podem ter. Após Bobby ter obrigado seu filho a confessar o estupro, mesmo que este não o tenha cometido, sua íntima relação foi profundamente abalada - informação que não seria bem-vinda em narrativas de menor foco e angulação, ou seja, o registro do desprezível.”

(BLUMER, n.p)

Conclusões

A presente pesquisa se faz necessária diante da crise de identidade que passa o jornalismo. Dessa forma, pensar na subjetividade de histórias de vida que clama por sensibilidade se faz imprescindível na atuação da profissão. Ademais, a inocência de Kevin Richardson, Yousef Salaam, Raymond Santana, Antron McCray e Korey Wise nunca recebeu tanta atenção quando comparada às suas condenações injustas. Cinco jovens negros inocentes cumpriram penas diante de um crime que não cometeram. No entanto, o jornalismo, evidentemente culpado de sua irresponsabilidade ética na atuação do trabalho, nunca assumiu as responsabilidades diante de seu crime realmente cometido contra as vidas dos Cinco Redimidos.

O jornalismo, como instrumento de serviço à sociedade, não deveria ser colocado em análise e estudos epistemológicos para obter um objetivo tão simples - registrar a verdade da vida humana. Apesar do evidente desafio que é relatar algo tão subjetivo e pessoal, o espaço aberto por Dostoiévski e Medina mostram que a posição de afastamento do monopólio da escrita e aproximação do ser que se está tratando é a melhor forma de obter registros polifônicos, ou como, conclui-se o artigo, essencialmente verdadeiros.

Ao crer que o jornalismo por si só é um ato sensível de narrativa da realidade, os referenciais teóricos não mudaram esse curso, apenas comprovaram com verdadeiro conhecimento e análise de materiais da própria realidade dos Cinco Redimidos.

Em situações como essa, da variabilidade da vida, da inexistência do exato, as heranças positivistas não são suficientes para sustentar o jornalismo. Com a base da leitura da obra de Medina, a objetividade, neutralidade e imparcialidade tomam outro lugar, que não seja a sensibilidade da vida humana a qual o jornalismo trata.

Para além, conclui-se que tais narrativas devem ser defendidas. Seus atributos de ternura não devem ser desmerecidos pelas estruturas obstinadas que o jornalismo herdou do positivismo. Visto que tais técnicas se mostram mais efetivas para a cobertura da realidade, em seu mais profundo existir, em comparação com o jornalismo rápido, neutro e imparcial.

Em uma palestra após a exibição do documentário, Kevin, Yousef, Raymond, Antron e Korey, Kevin declara ao falar sobre a oportunidade de contar sua história no documentário Os Cinco do Central Park "A Sarah nos deu voz. Somos humanos, temos filhos, temos coração". Além disso, Yousef também falou "Até então, nossas vidas foram contadas pelo tribunal, pela imprensa e pelo Donald Trump" (REVISTA PIAUÍ, 2013). Essas declarações vêm como suspiros de alívio de quem pode dizer agora, que tem sua verdade, de fato, registrada.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. [S.l]: Forense Universitária, 2010. 366 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato**. No prelo.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008. 118 p.

OLHOS que Condenam. Direção de Ava Duvernay. Produção de Amy J. Kaufman, Ava Duvernay, Christiana Hooks, Jane Rosenthal, Jeff Skoll, Jonathan King, Oprah Winfrey. Roteiro: Ava Duvernay, Robin Swicord, Julian Breece. [S.l]: Netflix, 2019. 4 episódios (296 min.), série em streaming, color. Legendado. Disponível em: <https://www.netflix.com/browse?jbv=80200549>. Acesso em: 18 ago. 2021.

OS CINCO do Central Park. Direção de David McMahon, Ken Burns, Sara Burns. Produção de David McMahon, Jim Corbley, Ken Burns, Sara Burns. Roteiro: David McMahon, Ken Burns, Sara Burns. [S.l]: Pbs, Florentine Films, Weta-Tv, Ifc Films, 2012. (116 min.), documentário em streaming, son., color. Legendado. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/os-cinco-do-central-park/t/CKrKxV2cMy/>. Acesso em: 13 ago. 2021.